

## A REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO CINEMA FICCIONAL: A CRISE DE 1929 NOS FILMES *LOUCURA AMERICANA* E *A LUTA PELA ESPERANÇA*

Mariana Quirino Fechine<sup>1</sup>  
José Luciano Albino Barbosa<sup>2</sup>

Universidade Estadual da Paraíba

### RESUMO

A utilização de narrativas reais para a elaboração de roteiros e enredos para o cinema ficcional é algo corriqueiro desde os primórdios da criação da sétima arte, o que proporciona ao espectador uma realidade social construída e adaptada para as telas do cinema. Os filmes *Loucura Americana* e *A Luta Pela Esperança*, retratam através de enredos e épocas (de lançamento) diferentes, uma das principais crises econômicas já enfrentadas pelos Estados Unidos, com consequência em todo o mundo. Através da análise fílmica desenvolvida neste artigo percebe-se uma postura diferenciada nos filmes estudados, no que diz respeito a abordagem dos efeitos da crise na sociedade da época.

### Palavras-chave

Representação; cinema; crise; economia.

### Introdução

Enquanto uma série de países recuperava-se dos efeitos e das destruições advindas da I Guerra Mundial, os Estados Unidos iniciava o século XX como a principal economia credora do mundo. O imperialismo e o fordismo, faziam com que a produtividade do país aumentasse em escalas nunca vistas e o número de grandes empresas e fábricas, também acompanhavam este ritmo. Entretanto, quebrando as expectativas da ampliação do crescimento econômico e produtivo, alguns anos depois, a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em uma “quinta-feira negra”, resultou em uma crise econômica que assolaria o país e levaria consequências para todo o mundo.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e graduada em Arte e Mídia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), desenvolve pesquisas nas área de produção e articulações da cadeia produtiva audiovisual – marianafechine@gmail.com.

<sup>2</sup> Orientador do trabalho: Professor, pesquisador e coordenador do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – lucianoalbino@yahoo.com.br.

A crise econômica de 1929 teve efeitos severos sob a sociedade americana (e de forma menos profunda sob a sociedade de países europeus, por exemplo), e por consequência, para às relações sociais, interpessoais e comerciais da época. Isto porque junto as adversidades financeiras, vieram problemas sociais, tais como: resseção, desemprego, elevadas taxas de suicídio, falta de moradia, êxodo urbano, entre outros.

Este artigo tem por objetivo analisar a representação social da Grande Depressão no cinema, mais especificamente através dos filmes *Loucura Americana* (1932) e *A Luta Pela Esperança* (2005). Os critérios de escolha dos filmes foram: relevância com o tema estudado e o período que datam estas produções. Já que poucos foram os filmes produzidos na década de 1930 que abordaram esse enredo e ainda, porque se acredita que a comparação de um filme da época em que aconteceu a crise, com um contemporâneo, pode trazer elementos mais significativos para a análise a ser feita.

Como forma de padronizar os elementos analisados nas obras em questão foram delimitados os seguintes aspectos: como a crise é apresentada no enredo; a abordagem dada aos problemas sociais que surgiram em decorrência da crise; a construção do personagem principal e as técnicas cinematográficas (montagem, enredo, roteiro etc.) utilizadas na construção das mesmas.

A partir da análise das características aqui delimitadas, pretende-se observar qual a interpretação e/ou representação da realidade construída nesses filmes sobre a crise de 1929 e as características preponderantes nessa relação entre cinema e sociedade. Isso porque, como veremos no tópico que se segue, a documentação e a representação da realidade através do cinema fazem parte de uma discussão bastante recorrente no universo das pesquisas que envolvem as produções audiovisuais.

### **A construção de ficções audiovisuais e as representações sociais**

Oficialmente patentado e criado pelos irmãos Lumière em 1895, na França, foi através do cinematógrafo que se obteve a possibilidade de capturar imagens - ficcionais ou não - e projetá-las com o propósito de mostrá-las a um determinado público. Surgiam assim, as primeiras exhibições e por conseguinte o cinema, Nóvoa (2009).

Os assuntos inicialmente registrados pelo cinematógrafo, e pelos aparelhos desenvolvidos posteriormente, retratavam o cotidiano das cidades, o funcionamento das grandes fábricas e documentava a vida social da época (cinema documental). Mas desde a primeira exibição feita pelos irmãos Lumière, já havia a presença do cinema ficcional, com o filme “O regador regado” (título original *L'arroseur arrosé*), Fressato (2011).

Com o desenvolver das técnicas e o aprimoramento das construções ficcionais aplicadas ao cinema, iniciaram-se discussões sobre a capacidade representativa que esta arte construía da realidade. Seria o cinema uma cópia verdadeira da realidade ou uma construção/representação com elementos moldados pelas câmeras, enredos, cenário etc.? Grandes estudiosos como Sergei Eisenstein e Dziga Vertov (*apud* Fressato, 2011) afirmam que as imagens fílmicas constroem diversas realidades, optando ou não pela aproximação com a verossimilhança dos fatos.

Já para Cardoso (2000, p.6): “o cinema de ficção é duas vezes irreal: primeiro por aquilo que representa (a história fictícia) e depois pela forma como representa essa ficção (através da projecção (*sic*) das imagens previamente registadas em película)”.

As discussões atuais em torno desta temática, no entanto, não se prendem de forma demasiada a essas perspectivas e partem para uma análise da forma pela qual um fato histórico-social é representado através dos filmes. Isso porque considera-se que as imagens cinematográficas são sim, uma representação da realidade e também porque deve-se observar que:

Vivemos em um mundo midiático, em que tanto o cinema quanto os diversos meios audiovisuais fazem parte do cotidiano de vida e tornam-se ferramentas essenciais para contarmos a história de nossa cultura. Cada vez mais, registros históricos, práticas culturais, festividades, pessoas públicas e anônimas têm suas imagens e sons fornecidas pelos meios audiovisuais. (AMÉRICO e VILLELA, 2013, p.243)

Desse modo, a partir dessas novas discussões, podemos utilizar o conceito de representação social, estudado e defendido por Durkheim, para a elaboração de uma possibilidade de análise fílmica. Em que entende-se que:

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. (SÊGA, 2000, p.128)

Partindo da compreensão desse conceito, acredita-se que: fatos histórico-sociais são de grande importância e contribuição para a compreensão das relações sociais, e, por sua vez, podem ser abordados em enredos fílmicos e representar a realidade vivida no período demonstrado, utilizando do aparato de elementos ficcionais.

Assim, de acordo com esse breve aparato teórico, bem como do relato histórico que se segue e das delimitações metodológicas previamente definidas, pretende-se analisar como os filmes *Loucura Americana* e *A Luta Pela Esperança* representaram em seu enredo a crise econômica de 1929, que foi determinante para a sociedade e as relações da época em que aconteceu.

### **A Grande Depressão de 1929**

Antes de adentrarmos nas consequências sociais da crise de 1929 (Grande Depressão) para os Estados Unidos, bem como para outros países direta e indiretamente afetados, faz-se necessária a compreensão de alguns fatores e causas para que esta crise econômica produzisse efeitos tão desastrosos e marcantes à sociedade da época.

De acordo com Reich (2008), para entendermos os fatos ocorridos durante as primeiras décadas do século XX, devemos observar a evolução comercial e industrial que os EUA atravessaram ainda no século XIX. Quando através do aumento da produtividade e da expansão dos meios de transporte e de comunicação, as fábricas instaladas nos mais remotos lugares do país conseguiam levar seus produtos (atacado ou varejo) para toda a sua extensão territorial.

Sob a perspectiva analisada por Reich (2008), essa aceleração do crescimento produtivo acabou resultando em duas consequências: 1) oferta maior que demanda; 2) grande número de trabalhadores imigrantes, vindos do campo. Com esse cenário econômico efervescente e por outro lado, conturbado, no final do século XIX (em 1873 e 1893 especificamente) boa parte da América e Europa foi afetada por uma crise econômica.

Entretanto, guiadas pela expansão dos mercados (imperialismo) e pelo sistema fordista de produção em massa (que tornou-se o modelo de sistema de produção e montagem da época), a economia americana foi reerguida e parecia não estar susceptível a uma nova crise. Já que, havia passado pela I Guerra Mundial e sua posição de país credor, representava uma

afirmação econômica e do próprio “*American Way of Life*”, que já alcançava proporções mundiais, Sousa (*s.d.*).

Por outro lado, os efeitos sociais observados através da implementação de um sistema produtivo que visava unicamente o lucro e a ampliação de mercados, acabavam sendo prejudiciais a manutenção do sistema vigente:

Nas primeiras décadas do século XX, o capitalismo parecia na iminência de alcançar triunfo espantoso. Porém, suas consequências sociais – miséria, salários de fome, longas jornadas nas fábricas, mão-de-obra infantil, agravamento da desigualdade, decadência ou abandono das pequenas cidade – atormentavam muita gente. A democracia parecia incapaz de enfrentar o desafio. (REICH, *Op.cit.*, p.19)

Em paralelo a isto, observava-se um crescente e ao mesmo tempo impensado interesse pelas de ações da bolsa de valores, quando cidadãos de diversas classes sociais, utilizavam todas as suas economias para comprar ações. Contudo, o mercado já não absorvia a capacidade de produção e compra e as empresas já não conseguiam manter seus empregados e nem suas ações.

A baixa da produção industrial se manifestara nos Estados Unidos no decorrer do ano de 1929. Mas o desencadeamento oficial da Grande Depressão aconteceu em 24 de outubro de 1929, com a queda repentina das cotações da Bolsa de Nova York, ao fim de uma expressiva ascensão iniciada em 1927, acelerada duas vezes e marcada por dois patamares, em junho-julho de 1928 e em junho de 1929. (GAZIER, 2013, p. 12)

A partir daí as consequências para o mercado produtivo e, principalmente para a sociedade da época foram devastadoras, com milhares de cidadãos americanos em situação de miséria, aumento da taxa de suicídio; êxodo urbano; fechamento de complexos industriais, fábricas e bancos; altos índices de desemprego; queda no PIB do país; como podemos observar:

O resultado foi a propagação das quebras, a contração da produção e a explosão do desemprego. O PIB nominal nos Estados Unidos caiu de US\$ 103,7 bilhões em 1929 para US\$ 56,4 bilhões em 1932, recuperando-se para US\$ 101,3 bilhões apenas em 1939. Entre 1930 e 1933 os Estados Unidos assistiram a três ondas de liquidação bancária que vitimaram nada menos que 11 mil bancos. (MAZZUCHELLI, 2008, p.3.)

Os reflexos dessa crise alcançaram diversos países em todos os continentes e seus efeitos sob a sociedade da época ficaram marcados não somente naqueles que a atravessaram, como também foram eternizados e representados ficcionalmente pelo cinema. Os dois filmes

analisados neste artigo trazem diferentes abordagens (temporais e de enredo) sobre a Grande Depressão que abalou o mundo, sob o ponto de vista dos efeitos causados nos Estados Unidos.

### **A crise no banco ficcional de *Loucura Americana***

Produzido e lançado três anos após a quebra da bolsa de valores em Nova York e a deflagração da crise econômica nos Estados Unidos, o filme *Loucura Americana* (em título original, *America Sadness*), do diretor Frank Capra, conta a história de um banqueiro que, diante da situação financeira do país e de um assalto ao banco que dirige, se vê pressionado pela diretoria do mesmo a aderir a fusão com outra instituição, como uma estratégia de fuga à falência.

Isto porque, a situação que foi sendo construída no país após a crise, como vimos anteriormente, foi marcada pelas dificuldades financeiras e sociais e os efeitos desse conjunto de fatores, podem ser vistos de modo mais profundo em instituições financeiras, tal qual um banco.

No *Union National Bank*, banco fictício em que passa o filme, uma das principais consequências foi o aumento do número de pedidos de empréstimos, entretanto a peculiaridade se dá no modo em que essas cessões são concedidas, já que o diretor Tom Dickson utiliza apenas do seu conhecimento e confiança pessoal para emprestar o dinheiro solicitado pelos seus clientes. Não satisfeita com a repetição de fatos como estes e com a liberação de dezenas de empréstimos, a direção do banco propõe a Dickson uma fusão com outro banco, o *New York Trust*.

Em meio a estas discussões, pressões e ainda a ameaças de falência, um funcionário desonesto e endividado, sede às intimidações sofridas pelo máfia a que deve e facilita a entrada dos mesmos para um assalto no *Union National Bank*. Esse roubo toma enormes proporções na cidade e faz com que boa parte dos clientes acredite que o melhor a se fazer é retirar o dinheiro ali depositado, criando uma situação de caos no banco.



Fonte: Google Imagens



**Imagem 1:** Saguão do *Union National Bank* após o roubo.

A partir das informações passadas acima sobre o enredo principal do filme, podemos então analisar as categorias delimitadas anteriormente a fim de observar a representação social construída nessa obra acerca da crise de 1929.

O primeiro aspecto a ser analisado diz respeito ao modo como o enredo aborda e explica ao público a crise pela qual o país vem passando. E a principal análise feita nesse quesito, é a presença pontual dessa contextualização. Isso porque, apenas no início do filme a questão é apresentada, quando em um diálogo dos membros da diretoria se comenta sobre a “grande depressão”. Desse modo, acredita-se que houve uma amenização na representação da crise demonstrada durante este filme.

Já no que tange a abordagem das consequências e dos problemas sociais surgidos a partir da situação de crise, vivida no final da década de 1920 e início dos anos 1930, podemos observar uma interpretação voltada para os aspectos financeiros. Em que é apresentada apenas a necessidade de obtenção de dinheiro junto ao banco, mas não são mostradas consequências em um aspecto mais amplo, tais como: desemprego, miséria, fome, entre outras.

Por outro lado, a construção do personagem principal, Tom Dickson, é nitidamente pautada em uma postura de confiança e credo na honestidade de seus clientes. Perfil distante da realidade em tempos de crise, onde aqueles que pedem e precisam de dinheiro, não são vistos como pessoas confiáveis para receber empréstimos. Quanto a esse personagem ainda é possível observar o fato de que, no filme, os mais ricos não foram fortemente afetados pela

crise, tendo ainda condições, de se manter estruturados e utilizar dessa situação para manter (não por muito tempo) o sistema econômico em que se enquadravam.

Partindo para análise das técnicas fílmicas utilizadas, seja a partir das delimitações do roteiro, das locações e/ou da edição e montagem do filme, observamos pouca variedade e inovação ao passar a história do filme para o espectador. A utilização predominante do cenário do banco, reforça o distanciamento de um enredo amplo que envolve a Grande Depressão e delimita para uma crise vivida apenas naquele local (banco). A narrativa linear, sem utilização de elipses de tempo ou do avanço de anos, acaba por reafirmar essa característica.

Desse modo, após a análise dos quatro itens delimitados nesse artigo, podemos observar que a representação social da crise de 1929 no filme *Loucura Americana*, traz ao espectador uma perspectiva não condizente com a realidade vista na época. Mas, acredita-se que essa abordagem tenha se construído desse modo, como uma forma de amenizar e trazer esperança, para a sociedade que passava por esse momento de turbulências econômicas e financeiras.

### **A torcida de uma nação em uma *Luta Pela Esperança***

Baseado na história real do lutador de boxe americano James J. Braddock, *A Luta Pela Esperança* (em título original, *Cinderella Man*), da dupla de diretores Ron Howard e Russel Crowe, foi lançado em 2005 e trouxe em seu enredo uma série de referências ao período de crise enfrentado pelos Estados Unidos, no final dos anos 1920.

O filme inicia-se em 1928 no período anterior à crise, época em que o capitalismo encontrava-se em sua era de ouro e que também foi o auge do pugilista James J. Braddock, que além de ganhar dezenas de lutas e nunca ter sido nocauteado, era dono de uma frota de táxi e mantinha uma mansão em Nova York para sua esposa e seus três filhos. Ainda nos minutos iniciais, o enredo avança dois anos e começa a construir sua problemática, quando, após a crise, o boxeador perde toda sua fortuna e vive em condições precárias com sua família em Nova Jersey.

As lutas já não são frequentes e, por consequência, os valores ganhos por estas acabam caindo. O desemprego no país atinge índices nunca vistos e Braddock acaba por não



conseguir um emprego fixo, passando a trabalhar esporadicamente e exaustivamente no cais da cidade. O dinheiro obtido é inferior aos valores das contas que ele precisa pagar para manter sua família e o lutador se vê obrigado a solicitar o auxílio oferecido pelo governo para situações de crise, como a que está enfrentando.

Em meio a essa difícil situação, seu antigo empresário (que também perdeu todos os seus bens durante a crise), consegue que Braddock seja substituto em uma luta. O que seria apenas uma substituição e uma derrota esperada por todos, acabou sendo o primeiro degrau para o retorno do lutador aos ringues. Com três vitórias consecutivas, o lutador se transforma em símbolo de esperança para uma sociedade carente de histórias de superação tal como a que ele vive.

Fonte: Google Imagens



Imagem 2: Braddock comemorando sua terceira vitória.

Se analisarmos apenas a construção e produção do roteiro dessa obra, podemos observar a abordagem e representação mais próxima do que a crise de 29 representou para os EUA e a sociedade da época. São exemplificados fatos, seja pelo personagem principal ou pelos secundários, que demonstram a dimensão da crise, tais como: altos níveis de desemprego, surgimento de moradias e bairros em zonas pobres (*hoovervilles*), interferência do Governo para subsídio de necessidades básicas, êxodo urbano, entre outros.

Assim podemos perceber que “A Luta Pela Esperança” não somente apresentou a crise como um fator secundário ao enredo do filme, mas apresentou-a como algo preponderante para a sucessão dos fatos que formam a história narrada pelo mesmo. Mesmo que, não explique de forma detalhada como a crise se instaurou no país.

Ao analisarmos a construção do personagem principal, James J. Braddock, bem como de sua família, podemos observar a utilização de um retrato e recorte social das famílias atingidas pela crise de 1929, que tiveram que batalhar para manter suas casas e ainda se

recolocar no mercado de trabalho. Essa representação pode ser feita não apenas pelos valores transmitidos pelos personagens em suas falas e aparições, mas também pelos seus perfis e pela construção de arte trabalhada utilizada por eles (figurino, cenário etc.).

Por se tratar de uma história baseada em fatos reais, podemos afirmar que a representação social foi facilitada pela existência de um exemplo verídico a ser aplicado no enredo. Entretanto, se pensarmos no processo de construção ficcional, vindo junto ao personagem pré-existente, podemos observar que houve todo um trabalho de pesquisa e ampliação das realidades demonstradas pelo filme. Fazendo com que, o universo demonstrado possa se enquadrar como uma representação direta da realidade da época.

Um dos fatos que pode colaborar com a representatividade obtida no filme são os processos de transição utilizados durante a montagem do filme e suas respectivas elipses temporais. Ao apresentar o período pré- crise, passando pela crise e chegando ao processo de reestruturação social, a identificação do espectador com a verossimilhança pode ser aumentada – já que este foi um processo construído e demonstrado no filme. Característica que também pode ser obtida a partir da construção fiel de cenários, locações e outros elementos imagéticos utilizados no mesmo.

Desse modo, acredita-se que a representação do fato histórico-social analisado neste artigo (a crise de 1929), tenha se construído nesse filme, principalmente, a partir das modificações sociais ocorridas na época e mesmo que os fatores econômicos que iniciaram a crise não sejam apresentados durante o mesmo, o espectador pode ter uma visão ampla acerca do que aconteceu naquele período. E ainda um exemplo de superação, como tantas histórias de famílias que sobreviveram as dificuldades vividas durante a crise.

### **Considerações Finais**

A partir das análises feitas, tendo por base os filmes selecionados *Loucura Americana* e *A Luta Pela Esperança*, podemos observar alguns pontos de distanciamento e outros de aproximação quanto a abordagem da crise em ambas as obras. Esses resultados demonstram não somente o potencial narrativo do fato histórico-social aqui estudado, como também acentua a capacidade de construção ficcional utilizada pelo cinema em suas obras.

Percebemos, que uma linha tênue é traçada entre as duas peças audiovisuais, quando apresentam em seus roteiros exemplos de confiança e superação, postura essa necessária para a construção de uma identificação e de bem-estar dos espectadores.

Entretanto podemos perceber que no filme lançado em 2005 as consequências da crise para sociedade americana são mostradas de maneira mais próximas ao real e por isso mais impactante. Enquanto em *Loucura Americana* de 1932 os efeitos são amenizados e a Grande Depressão não é apresentada como algo que realmente afetou o país e o mundo.

Apesar dos 73 anos de intervalo de tempo entre um filme e outro e do aprimoramento de técnicas e equipamentos ao longo desse período, observamos que esses não foram fatores preponderantes nas diferenças de abordagem observadas nesta análise. A principal diferença diz respeito ao roteiro utilizado e a importância dada ao fato histórico-social, a crise de 1929.

Concluimos que diante do alcance e do poder imagético do cinema, a escolha de um roteiro que utiliza-se como fator principal a suavização dos fatos, foi proposital a época – quando a sociedade precisava se manter esperançosa em um futuro com melhoras sociais. Após passadas algumas décadas, a realidade dramática vivida na época, pôde ser apresentada de forma mais profunda e utilizando, ainda, a superação como elemento chave, como observamos em *A Luta Pela Esperança* – pois o momento de crise já havia passado e histórias semelhantes a essa causariam identificação por parte dos espectadores.

Assim, percebemos a importância do cinema para a disseminação, construção e interpretação de uma representação social, - independente de qual fato histórico-social seja apresentado - já que, este não somente é responsável pela construção ficcional em torno de um fato real, mas principalmente capaz de construir imagens e realidades sobre o tema discutido e exibido.

## Referências Bibliográficas

A LUTA Pela Esperança. Produção de Toddy Hallowell. São Paulo: Universal Studios, 2005. 1 DVD (164 min.): DVD, Ntsc, son., color. Legendado. Port.

AMÉRICO, Guilherme de Almeida. VILLELA, Lucas Braga Rangel. Circuito comunicacional: o cinema na perspectiva da história social. **Revista de Teoria da História, Goiás**, n.10, 2013, p. 241-173.

CARDOSO, Abílio Hernandez. **O cinema, a ficção e a história.** 2000. Disponível em: <[http://www.ipv.pt/forumedia/ec\\_4.htm](http://www.ipv.pt/forumedia/ec_4.htm)>. Acesso em: 20 fev. 2014.

FRESSATO, Soleni Biscouto. Tênuos limites entre o cinema documentário e ficcional o exemplo de *O Mistério de Picasso*. **Doc on Line**, Campinas, n. 10, 2001, p.60-71.

GAZIER, Bernard. **A crise de 1929.** [Tradução de Júlia da Rosa Simões]. Porto Alegre: LP&PM Pocket, 2013.

LOUCURA Americana. Produção de Harry Cohn. São Paulo: Columbia Pictures do Brasil, 1932. 1 Videocassete (76 min.): VHS, Ntsc, son., color. Legendado. Port.

MAZZUCHELLI, Frederico. A crise em perspectiva: 1929 e 2008. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.82. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002008000300003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002008000300003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 14 jul. 2014.

NÓVOA, Jorge (Org.). **Cinematógrafo: um olhar sobre a história.** Salvador: EDUFBA, 2009.

REICH, Robert B. **Supercapitalismo: como o capitalismo tem transformado os negócios, a democracia e o cotidiano.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici.** Anos 90, Porto Alegre, n.13, 2000, p.128-133.

SOUSA, Rainer. **A crise de 29.** *s.d.* Disponível em: <<http://zip.net/brn8Z6>>. Acesso em: 15 jul. 2014.